

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Luíza Mahin

Gerado em: 20/04/2026, 05:59:46 | Versão pipeline: 1

BLOCO 1 — Quem foi Luíza Mahin

Luíza Mahin não é apenas um nome em um livro de história. Ela é uma encruzilhada. Uma figura que habita o tenso espaço entre o fato histórico documentado e o poderoso mito necessário. Trazida à força da Costa da Mina, na África, para a Bahia no início do século XIX, sua primeira rebelião foi pessoal: recusou o batismo, comprou a própria liberdade e se tornou uma "ganhadeira", vendedora de quitutes nas ruas de Salvador. Mas seu tabuleiro, mais do que uma ferramenta de trabalho, teria sido uma arma de comunicação, e sua casa, um quartel-general para as maiores revoltas de pessoas escravizadas que o Brasil já viu.

Falar de Luíza Mahin é falar sobre o que significa ser uma mulher negra, africana e livre (ou alforriada) em um sistema que só lhe concebia um lugar: o da submissão. Em uma sociedade escravista que vigiava, punia e desumanizava corpos negros, sua suposta capacidade de articular rebeliões em larga escala, como a Revolta dos Malês, usando as brechas do próprio sistema, representa um ato de extraordinária agência e inteligência estratégica. Ela não foi uma vítima das circunstâncias; foi uma arquiteta da resistência dentro delas.

A história de Mahin sobrevive principalmente através do testemunho de seu filho, o grande abolicionista Luís Gama, e da tradição oral e política do movimento negro, que a transformou em um símbolo de liderança feminina e insubmissão. Historiadores debatem a extensão de sua participação e até mesmo os detalhes de sua existência, confrontando o relato de Gama com a ausência de seu nome em documentos oficiais da repressão. Essa lacuna, no entanto, não é um vazio. É a cicatriz de um projeto deliberado de apagamento. Se a história oficial é escrita pelos vencedores, o que a ausência de Luíza Mahin nos registros coloniais nos diz sobre quem controlava a narrativa e o que eles mais temiam?

BLOCO 2 — Contexto histórico

No início do século XIX, a Bahia era o coração pulsante e febril do Brasil escravista. Salvador, em particular, era uma das cidades com a maior população de origem africana fora da África, um caldeirão de culturas, religiões e tensões. O trabalho de pessoas escravizadas, majoritariamente nagôs e jejes da Costa da Mina, sustentava a economia do açúcar e do tabaco. Mesmo após a Independência do Brasil em 1822, a estrutura de poder permaneceu brutalmente intacta. A proibição do tráfico de escravos em 1831 foi letra morta, com o contrabando operando a todo vapor, e qualquer sinal de agitação negra era respondido com violência extrema pelo Estado.

Para a população negra, livre ou escravizada, viver nesse contexto era caminhar sobre um campo minado. A vigilância era constante, as práticas religiosas africanas eram demonizadas e perseguidas como "feitiçaria", e a mobilidade econômica era restrita. Ainda assim, brechas existiam. Mulheres como Luíza Mahin, atuando como "ganhadeiras", conquistavam uma rara autonomia de circulação pela cidade. Essa mobilidade, permitida pelo sistema por seu valor econômico, foi subvertida e transformada em uma rede clandestina de comunicação e organização para a resistência.

Este cenário de repressão e resistência não era isolado. No Atlântico, a Grã-Bretanha pressionava pelo fim do tráfico, enquanto reinos africanos como o Daomé, em resposta a pressões internas e externas, intensificavam guerras para capturar e vender pessoas ao Brasil. Dentro da própria Bahia, o ar estava carregado de pólvora revolucionária, com levantes como a Revolta dos Malês (1835) e a Sabinada (1837), que evidenciavam a sofisticação política e a determinação das comunidades africanas e afro-brasileiras em lutar por liberdade e dignidade.

BLOCO 3 — Contribuições em detalhe

As contribuições de Luíza Mahin para a luta negra no Brasil são um misto de ação direta documentada por seu filho e de um poderoso legado simbólico que inspira até hoje. Cada feito

atribuído a ela deve ser entendido dentro de um sistema desenhado para impedir exatamente aquele tipo de protagonismo.

Organização de redes de resistência através do trabalho (décadas de 1820-1830): A principal ferramenta de Mahin era seu ofício. Como quituteira, ela tinha acesso a diversos espaços da cidade e contato com uma vasta rede de pessoas, especialmente outras mulheres negras. Segundo os relatos, ela transformou seu tabuleiro de quitutes em um "correio" revolucionário. Bilhetes com mensagens em árabe, a língua franca dos malês islamizados, eram passados aos compradores junto com os quitutes. Este ato transformava uma atividade feminina e publicamente sancionada em um canal de inteligência militar clandestina, operando sob o nariz das autoridades. Isso não era um fato isolado, mas parte da luta histórica do povo negro para usar as próprias ferramentas da opressão como instrumentos de libertação.

Liderança estratégica na Revolta dos Malês (1835): Embora a historiografia recente questione seu papel direto, a tradição, baseada no relato de Luís Gama, a coloca como uma das mentes por trás da maior e mais organizada rebelião de escravizados do Brasil. Sua casa teria servido como quartel-general para reuniões conspiratórias. A revolta, que mobilizou centenas de africanos muçulmanos em Salvador, foi um golpe audacioso que expôs a vulnerabilidade do sistema escravista. Apesar de brutalmente reprimida, a Revolta dos Malês enviou uma onda de choque por todo o país, intensificando o medo da elite branca e, ao mesmo tempo, criando um mártir e um ideal de luta para a população negra. A participação de Mahin, nesse contexto, a eleva de uma rebelde individual a uma articuladora de um movimento coletivo.

Participação em múltiplos levantes (c. 1820-1838): A trajetória de Mahin não se resume a um único evento. Ela é associada a uma série de levantes que ocorreram na Bahia, incluindo a Sabinada (1837-1838), um movimento separatista que prometia a abolição. Sua suposta fuga para o Rio de Janeiro por volta de 1838, após ser perseguida, e sua possível prisão e deportação, demonstram que ela era vista como uma ameaça contínua ao status quo. Essa persistência na luta, em diferentes frentes e por vários anos, a enquadra não como uma heroína de um único ato, mas como uma militante com um projeto de vida dedicado à libertação de seu povo.

Maternidade como ato político: A contribuição mais inegável e documentada de Luíza Mahin foi dar à luz e formar, em seus primeiros anos, Luís Gama. Seu filho se tornaria o maior advogado abolicionista do país, usando a lei para libertar centenas de escravizados. Gama creditava à sua mãe sua índole "altiva" e seu espírito de vingança contra a escravidão. Ao criar um filho com a consciência de sua identidade e da injustiça do sistema, a maternidade de Mahin se tornou um ato de transmissão de legado e de plantio da semente da abolição, cujo impacto se estenderia por décadas.

BLOCO 4 — Por que isso importa hoje

A história de Luíza Mahin ressoa poderosamente no Brasil contemporâneo. Ela é a personificação da ancestralidade reivindicada pelo feminismo negro, que vê nela um exemplo de liderança, estratégia e recusa à submissão muito antes de o termo "feminismo" ser cunhado. O debate sobre a veracidade de sua biografia não diminui sua importância; pelo contrário, lança luz sobre um debate atual e urgente: como se constrói a memória histórica de um país que sistematicamente tentou apagar as contribuições das mulheres e da população negra? A inscrição de seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria em 2019 foi um ato de reparação simbólica, mas a luta para que sua história e a de tantas outras sejam parte integral do currículo e da consciência nacional continua. Quem hoje carrega o tabuleiro de Mahin, subvertendo espaços e ferramentas para lutar por justiça social?

Aplicação pedagógica:

* Referência legal: A trajetória de Luíza Mahin é um material riquíssimo para o cumprimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Trabalhar sua biografia permite abordar o protagonismo negro em movimentos de resistência, indo além da figura passiva de vítima da escravidão.

* Disciplinas:

* História: Para estudar as revoltas do Período Regencial (Malês, Sabinada) e a agência de mulheres negras na luta contra a escravidão.

* Literatura: Para contextualizar a vida e a obra de seu filho, Luís Gama, cuja autobiografia é a principal fonte sobre Mahin.

- * Artes: Para analisar sua representação iconográfica como símbolo de força e resistência nos movimentos sociais e na arte afro-brasileira contemporânea.
- * Sociologia/Filosofia: Para discutir conceitos de poder, resistência, mito, memória e apagamento histórico.
- * Faixa etária recomendada: Ensino Médio (9º ano ao 3º ano). A complexidade do debate historiográfico (fato vs. mito) e a necessidade de compreender as nuances do racismo estrutural e do apagamento histórico tornam o tema mais adequado para alunos com maior maturidade crítica.
- * Sugestão de atividade prática: Dividir a turma em dois grupos. O "Grupo Gama" deverá defender a história de Luíza Mahin com base no relato de seu filho e na importância simbólica da figura para os movimentos negros. O "Grupo dos Documentos" deverá apresentar as dúvidas levantadas pela pesquisa histórica (como a de Lisa Earl Castillo), que aponta a ausência de Mahin nos registros oficiais da Revolta dos Malês. O objetivo não é determinar "quem está certo", mas sim fazer os alunos debaterem sobre os diferentes tipos de fontes históricas (oral, documental, literária) e como o apagamento histórico força a busca por outras formas de memória.
- * Pergunta geradora: Se a comprovação documental é o critério final para a verdade histórica, o que acontece com as histórias de povos cuja documentação foi sistematicamente destruída ou nunca produzida? Uma história precisa de "provas" para ser importante?

BLOCO 5 — Para ir mais fundo

Artigos em acesso aberto:

- * Mota, S. C. (2022). *Luiza Mahin, mãe, mulher, rebelde*. Mosaico, 14(25). Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/9159/6197>
- * Vários autores. (2011). *Luiza Mahin: uma mito-história para o ensino de História?*. África e Africanidades, 4(13). Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/13052011-08.pdf>

Fontes primárias / Acervos Digitais:

- * Fundação Cultural Palmares. *Personalidades Negras – Luísa Mahin*. Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-luisa-mahin>

Artigos e Reportagens:

- * Jornal Unesp. (2025). *Pesquisas históricas lançam novos olhares sobre Luiza Mahin e Dandara*. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2025/09/29/pesquisas-historicas-lancam-novos-olhares-sobre-luiza-mahin-e-dandara/>
- * Geledés - Instituto da Mulher Negra. *Luiza Mahin: a mulher que virou mito da força negra feminina*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiza-mahin-a-mulher-que-virou-mito-da-forca-negra-feminina/>

BLOCO 6 — Notas do pesquisador

- * Nível de confiança geral: MÉDIO. A existência de Mahin é confirmada pelo testemunho de seu filho, Luís Gama, e reforçada por pesquisas recentes que analisam este relato. No entanto, faltam documentos primários da época que corroborem diretamente seu nome e sua participação nos levantes, o que gera um debate historiográfico significativo.
- * Lacunas documentais: As principais lacunas são a ausência de datas e locais exatos de nascimento e falecimento; a falta de detalhes sobre suas origens na África; e, mais criticamente, a ausência de seu nome em registros de propriedade, alforria, atas de interrogatório dos malês ou registros de deportação que possam ser conclusivamente ligados a ela.
- * Natureza da escassez de fontes: APAGAMENTO HISTÓRICO. A ausência de Luíza Mahin em documentos oficiais é um exemplo clássico de como o racismo e o sexismo operam nos arquivos históricos. As fontes da época foram produzidas por homens brancos e letrados, que sistematicamente ignoravam ou minimizavam o protagonismo de mulheres, especialmente mulheres negras e africanas, em eventos políticos.
- * Controvérsias historiográficas: A principal controvérsia é a tensão entre a narrativa de Luís Gama (que a coloca como líder de revoltas) e a ausência de provas documentais. Pesquisadores como Lisa Earl Castillo e Wlamyra Albuquerque argumentam que, embora Mahin tenha existido, seu papel como

líder dos Malês é improvável, pois seu nome não aparece nos extensos inquéritos policiais e a participação de mulheres na liderança do levante era subalterna. A figura heroica seria, portanto, uma construção posterior, ainda que baseada em uma pessoa real.

* Observações para uso pedagógico: É fundamental que o professor não apresente Luíza Mahin como um fato indiscutível nem como uma simples lenda. A maior riqueza pedagógica de sua história está justamente na discussão sobre como a história é construída, contestada e reescrita. Usar a incerteza documental como ponto de partida para debater o conceito de "apagamento histórico" e a importância de fontes não-tradicionais (como a memória familiar e a tradição oral) pode ser uma aula poderosa sobre pensamento crítico e justiça histórica.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta

com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: MÉDIO

Data de produção: 24 de maio de 2024

Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: contato@biografiapreta.com.br

Links: <https://biografiapreta.com.br>